

UNIVERZITA PALACKÉHO V OLOMOUCI

FILOZOFICKÁ FAKULTA

Katedra romanistiky

**Candomblé: as origens, desenvolvimento,
transformações e o seu papel no decorrer do tempo**

Bakalářská diplomová práce

Tomáš JANSA

Bakalářské studium anglické a portugalské filologie

Vedoucí práce: Mgr. Petra Svobodová

OLOMOUC 2010

Prohlášení

Prohlašuji, že jsem diplomovou práci vypracoval samostatně a použil jen uvedenou literaturu a ostatní informační zdroje.

V Olomouci dne 13.12. 2010

.....

Tomáš Jansa

Děkuji Mgr. Petře Svobodové za odborné vedení mé bakalářské práce. Děkuji také všem ostatním, kteří mne v průběhu psaní práce podporovali.

CONTEÚDOS

Introdução	6
1 Origens da religião afro-brasileira	9
1.1 O que é candomblé.....	9
1.2 Mãe África.....	11
1.3. Diáspora africana - tráfico de escravos.....	12
1.4. Herança dos povos sudaneses.....	14
2 Desenvolvimento da comunidade afro-brasileira	17
2.1 Espaços alternativos	17
2.2. Quilombos.....	18
2.3. Sincretismo	20
2.4. Calundu	21
3 Século XIX. Do campo à cidade	22
3.1 De calundu a candomblé	22
3.2 Situação na Bahia.....	22
3.3 «cantos» e primeiros terreiros em Salvador.....	20
3.4 Abolicionismo	24
4 Século XX. – do segredo ao «trademark» brasileiro	25
4.1. Década de 1930	25
4.2. Década de 1960	27
4.3. Antisincretismo e a oficialização do candomblé.....	27
Conclusão	29
Resumé	32
Bibliografia	33

Introdução

Se alguém assistisse uma festa de candomblé sem saber o que é, sem dúvida ia pensar que está a ver um ritual profano de alguma seita africana porque as pessoas riem, choram, caem em transe, brincam. Havia um pedaço de verdade nesta afirmação só que no caso do candomblé trata se de um fenómeno muito mais complexo e confuso do que conseguimos imaginar. O caminho que esta religião afro-brasileira já percorreu é cheio de lutas, transformações e fusões. Ao mesmo tempo, desempenha um papel fundamental na história brasileira, no desenvolvimento da vida cultural. Também influenciou a culinária, em particular na Bahia.

Tudo começou em África onde tem origem o tráfico negreiro. Os portugueses transportavam escravos para o Novo Mundo mais de 300 anos. Origem destes escravos foi em vários pontos do golfo da Guiné e na costa do Moçambique. Os escravos no Brasil sofreram muitas opressões violentas e torturas. Muitos deles morreram sob as mãos dos seus senhores.

Para chegar até ao ponto onde está hoje, tinha que ser praticada secretamente e isolada da vida pública até o século XIX. Os escravos africanos formaram espaços alternativos para recuperar seu espaço físico e espiritual fundando quilombos e mais tarde os primeiros terreiros de candomblé. No seu caminho, a religião afro-brasileira foi influenciada pelo catolicismo adoptando os santos e sincretizando os com os orixás. Alguns deles adoptaram as divindades indígenas.

Durante o século XIX já tinham mais força, formaram os primeiros terreiros, eram mais organizados, principalmente nas ruas. Os negros formaram a maioria de população nas cidades grandes, já tinham mais força graças a contacto mais íntimo nas ruas. Assim puderam manter a comunicação e os seus

cultos de maneira mais fácil. Ao mesmo tempo tinham que enfrentar a força policial bruta.

Depois da promulgação da «Lei Áurea», que terminou a escravidão no Brasil, a situação não mudou muito na vida dos ex-escravos. Pelo contrário, os ex-escravos foram marginalizados e substituídos por máquinas e imigrantes. As repressões policiais contra os cultos afro-brasileiros continuaram.

A situação mudou com a Segunda República na década dos 1930 durante a presidência do Vargas. Nesta altura começou o interesse académico pelo candomblé e mais tarde na década dos 1960 os intelectuais e artistas descobriram e divulgaram a beleza da cultura afro-brasileira em todo o Brasil.

Finalmente, nos anos 1980 o candomblé atingiu o seu maior êxito e tornou-se uma religião oficial no estado da Bahia.

Assim, o candomblé representa um fenómeno bem complexo, com história complicada e cheia de acontecimentos que alteraram fundamentalmente todo o culto. Portanto, o candomblé tem chamado atenção como tema de estudo desde o final do século XIX quando os primeiros pioneiros dos estudos afro-brasileiros (como Nina Rodrigues) começaram pesquisar as tradições dos afro-brasileiros. Há várias fontes descrevendo a história de candomblé. Porém, papel importante até hoje desempenha a tradição oral, principalmente mantida pelas mulheres velhas que passam as histórias para os membros mais jovens dos terreiros. Esse tipo de documentação é fundamental para manutenção dos rituais, símbolos e valores mas também os estudos para registar as mudanças dos mitos africanos no Brasil.

Outros tipos de fontes são documentos religiosos escritos pela Santa Inquisição e registos policiais então feitos pelos perseguidores dos negros, e finalmente as notícias de jornais¹ como por exemplo A Tarde em Salvador.

Devido a este interesse duradouro, existem já muitos trabalhos sobre este assunto e a maioria deles são trabalhos bastante profundos e específicos. Este trabalho, porém, pretende esclarecer e descrever este tema numa forma sinóptica e abrangente, dedicando-se, antes de mais, ao desenvolvimento desta religião afro-brasileira desde sua chegada ao Brasil no decorrer do tempo, pondo mais ênfase na Bahia e Salvador, e examinando a sua função na vida dos escravos e a maneira como mais tarde influenciou a vida socio-cultural de toda a nação e parcialmente tomando em conta a posição dos negros na sociedade brasileira.

¹ Oliveira dos Santos, Nágli, Revista África e Africanidades - Ano I - n. 1 – Maio. 2008 - ISSN 1983-2354, <http://www.africaeaficanidades.com/edicao1.html>

1. Origens da religião afro-brasileira

1.1 O que é candomblé

can.dom.blé

sm (candombe+ioruba ilé, casa) 1 Folc Religião africana introduzida no Brasil pelos nagôs, bantos etc., na qual há o culto dos grandes deuses que vivem em um mundo misterioso. Atualmente essa religião está muito modificada por causa dos contatos culturais com índios e brancos. No candomblé a religião domina a magia.²

A palavra candomblé surgiu no século XIX. Antes disso os cultos afro-brasileiros foram considerados feitiçaria e os colonialistas designavam-nas calundu. Segundo Harding o primeiro registo do termo candomblé foi em 1807.³ Antes era chamado feitiçaria, calundu, batuque, etc.

Quando se fala do candomblé no Brasil, é necessário entender que não se trata de uma religião única e unificada. É um termo genérico para a religião afro-brasileira, então temos que perceber que se trata de várias religiões que «se formaram em diferentes áreas do Brasil com diferentes ritos e nomes locais derivados de tradições africanas diversas: candomblé na Bahia, xangô em Pernambuco e Alagoas, tambor de mina no Maranhão a Pará, batuque no Rio Grande do Sul e macumba no Rio de Janeiro»⁴ No entanto, o termo candomblé se tornou genérico a partir dos anos 1960. Ao mesmo tempo temos que perceber a complexidade que é muito mais profunda do que se encontra dentro desta palavra. Assim, cada casa de candomblé (*terreiro*) cultiva e mantém suas

² Dicionário Michaelis,

³ HARDING, Rachel E. – A Refuge in Thunder. Indiana University Press, 2003, p. 46

⁴ PRANDI, Reginaldo-Herdeiras do Axé, Editora Hucitec, São Paulo, 1996, p. 11

práticas e seus rituais idiossincráticos dependendo da sua proveniência e dos seus sacerdotes.

Os africanos no Brasil formaram «nações»⁵ quando recuperavam o seu espaço e a hierarquia nas sociedades. O que é mais importante quando se fala da natureza do candomblé é preciso definir o que têm todas essas formas da cultura e religião afro-brasileira em comum.

No primeiro lugar é o culto dos orixás⁶ que é de proveniência iorubá que é cultivado em todos os terreiros de candomblé. Ao mesmo tempo vale mencionar a diferença no culto dos orixás entre África e o Brasil em termos de adaptações que surgiram naturalmente graças a mistura dos escravos de vários pontos da África ocidental. Na África cada povo venerava seus orixás ou apenas um orixá ligado a uma região ou uma família particular. Por outro lado, no Brasil tinham que deixar esse conceito de venerar os orixás individualmente e uniram todos os orixás de baixo do mesmo tecto do terreiro.⁷

De ponto de vista cosmológico, todos os candomblés e os terreiros cultivam a energia universal-*axé* que Prandi define:

Axé é força vital, energia, princípio da vida, força sagrada dos orixás... Axé é bênção, cumprimento, votos de boa-sorte e sinónimo de Amém... Axé se tem, se usa, se gasta, se repõe, se acumula. Axé é origem, é a raiz que vem dos antepassados, é a comunidade do terreiro. Os grandes portadores de axé, que são as veneráveis mães e os veneráveis pais-de-santo, podem transmitir axé pela imposição das mãos; pela saliva, que com a palavra sai da boca; pelo suor do rosto,....⁸

⁵ Veja capítulo 1.3

⁶ Veja capítulo 1.4

⁷ HARDING, RACHEL E. – A Refuge in Thunder. Indiana University Press, 2003, p. 57

⁸ PRANDI, Reginaldo - Herdeiras do Axé, Editora Hucitec, São Paulo, 1996, p. 5

Axé então não serve apenas como fonte de força vital mas também como ancestralidade, como vínculo através de tempo e espaço que ajuda manter a ligação com os antepassados e com a mãe África.⁹ É a energia positiva que tem que ser cultivada. Até hoje é comum que os baianos se cumprimentam desejando «muito axé» .

1.2. Mãe África

Os portugueses ocuparam o oeste da África a partir da segunda metade do século XV naquela época sob o reinado do Afonso V e mais tarde o seu filho D. João II. Foi assim como começou a exploração e comércio no golfo da Guiné. O interesse principal foi ouro, marfim e mais logo por volta de 1470 começou o tráfico de escravos.

A maioria desses escravos veio do golfo da Guiné em tal caso da África central e ocidental. Nesta região há dois grandes grupos principais: sudaneses, «designação arbitrária dada aos povos africanos localizados a oeste, entre o Saara e Camarões»¹⁰ e bantus da região do Congo, de Angola e Moçambique. Não se trata de grupos étnicos mas de grupos que cada um compartilha os aspectos linguísticos, tradições e religião entre seus povos. Por isso podemos falar de duas raízes africanas mais importantes que desempenham papel importante na estruturação das religiões africanas no Brasil: sudaneses e bantus. Estas tradições têm em comum o princípio de politeísmo e da cultivação das suas divindades e a aproximação a elas através do estado de transe. As

⁹ JOHNSON, Paul Christopher – *Secrets, Gossips, and Gods*, Oxford University Press, 2002, p. 48

¹⁰ LOPES, Nei-Enciclopedia Brasileira da Diáspora Africana, Selo Negro, São Paulo, 2004, p. 634

duas operam com a previsão do futuro com ajuda de oráculos e também fazem oferendas sacrificiais aos seus deuses.¹¹ Este aspecto é crucial para o desenvolvimento do candomblé no Brasil.

Os sudaneses eram principalmente de Guiné, Gana, Dahomé (hoje República do Benim), Níger e Nigéria e incluíram os povos iorubá, hausa, fon, tapa, etc. e os bantus que tem origem no leste da Nigéria e mais tarde migraram para África central e oriental levando consigo as suas tradições, arte, música, agricultura e também a religião.¹² Os bantus que eram transportados para o Brasil eram da região de Congo, Angola e Moçambique.

Os escravos tanto podiam ser prisioneiros de guerra como produto de saques e raptos ou pessoas condenadas por roubo, assassinato, feitiçaria ou adultério, e também pessoas penhoradas como garantia de pagamento de dívidas.¹³ Os negreiros aproveitaram principalmente dos conflitos inter-tribais e foram estes conflitos que alimentavam consideravelmente o tráfico de escravos no continente africano. E eram os africanos de matriz iorubá que foram transportados em grande escala para o Brasil no século XVIII graças a guerra civil, que perdurou até o final do século, e finalmente a queda do império Oyó – um dos maiores estados nagô-iorubá em África.¹⁴

¹¹ PRANDI, Reginaldo - Herdeiras do Axé, Editora Hucitec, São Paulo, 1996, p. 58

¹² LOCKARD, Craig. A, Societies, Networks, and Transitions: A Global History, Volume I *To 1500*, Houghton Mifflin Company, 2007, p.235-236

¹³ <http://www.historiabrasileira.com/brasil-colonia/origem-dos-escravos-africanos>

¹⁴ Oliveira dos Santos, Nágli, Revista África e Africanidades - Ano I - n. 1 – Maio. 2008 - ISSN 1983-2354, <http://www.africaeaficanidades.com/edicao1.html>

1.3. Diáspora africana-tráfego de escravos

O comércio de escravos africanos tem início no final do século XV quando os primeiros eram transportados para Portugal mas só depois do descobrimento do Brasil em 22 de Abril de 1500 os portugueses começaram a traficar cada vez mais escravos. Na primeira metade do século XVI havia necessidade de trazer uma grande quantidade de mão-de-obra para o Brasil porque com o início da produção de açúcar faltavam pessoas para trabalhar nas plantações e nos engenhos¹⁵. As condições climáticas junto com a natureza do sol possibilitaram duas colheitas anuais. A população indígena mostrou-se logo insuficiente mas a escravização dos índios foi proibida só por Marquês de Pombal. Os escravos foram utilizados também nas fazendas rurais, nas plantações de tabaco e algodão e mais tarde no século XVIII nas minas de ouro e finalmente no século XIX nas plantações de café. Neste longo período o Brasil recebeu quase 40 por cento do total dos escravos trazidos da África para as Américas¹⁶ por parte também graças ao facto que os brasileiros tardaram a ratificar a «Lei Áurea» (1888), sendo assim o último país do Novo Mundo que aboliu escravidão.

É também importante mencionar a maneira como eram transportados os escravos para o Brasil. Tratava-se de navios de vários tamanhos chamados os *navios negreiros* ou *navios tumbeiros* porque muitas pessoas não sobreviveram este tipo de transportação em condições bastante desumanas com mínimo espaço e nenhuma higiene, homens junto com as mulheres e crianças. Ao mesmo tempo vale a dizer que a maioria dos escravos eram homens jovens. Nestas condições originavam os primeiros laços não formados pela pertença à

¹⁵ fábricas de açúcar e aguardente de cana

¹⁶ KONADU, Kwasi e SILVA, Paula de Almeida, «Brazil: Afro-Brazilians», Encyclopedia of the African Diaspora: Origins, Experiences, and Culture; ABC-Clio, 2008, p. 225

mesma nação mas pela situação. O mesmo tipo de laços fortes jogou, mais tarde, papel importante na prática dos rituais religiosos porque ajudaram no processo da unificação das crenças e veneração das suas divindades.

Estes navios não transportaram apenas a mão-de-obra mas também a personalidade e as crenças e como disse Vergér: «A presença das religiões africanas no Novo Mundo é uma consequência imprevista do tráfego dos escravos.»¹⁷ Os colonialistas portugueses não contavam com a força e a rigidez dos escravos quando se tratava da sua cultura, seus costumes e da sua religião.

Os escravos no Brasil formaram grupos bastante heterogêneos. Como originavam em vários cantos do golfo da Guiné, houve necessidade de unificar e reformular as crenças e os rituais desses povos na formação dos espaços alternativos. Dependendo dos linguistas e dos etnografistas, há vários tipos de classificações dos povos africanos no Brasil tomando em conta diferentes aspectos. Quando se fala de candomblé, o termo «nação» não significa a pertença a um grupo étnico da mesma origem africana mas, no caso da religião afro-brasileira, designa um grupo característico definido pela veneração dos diferentes orixás, o idioma ou os ritmos musicais específicos. As principais nações são: as de origem sudanesa podem ser divididas em dois grupos: de origem iorubá-*nagô-kêto* (idioma: iorubá), e de origem daomena-*jêje* (idioma: ewê/fon) e finalmente de origem bantu-*angola-congo* e *caboclo*, mas até hoje a classificação não está bem estabelecida porque linguistas e antropólogos usam vários tipos de divisões. Estas três nações têm várias subclasses, de qualquer modo, essa discussão não é o objectivo deste trabalho.

A maioria dos escravos de origem sudanesa foram concentrados na Bahia e os da proveniência bantu «foram desembarcados nos demais pontos de

¹⁷ Pierre Fatumbi Verger- Os Deuses Africanos no Candomblé da Bahia, Carybé, Salvador-BA, 1993, p. 203

irradiação de escravos, isto é, São Luís do Maranhão, Recife e Rio de Janeiro, donde se teriam espalhado para o litoral do Pará, interior de Alagoas, Minas Gerais e São Paulo.»¹⁸ Por outro lado, a minoria dos bantus que se encontra na Bahia conserva as suas tradições e sua cultura melhor de que em qualquer outro lugar no Brasil.¹⁹

1.4. A herança dos povos sudaneses

A herança mais importante dos povos sudaneses e a tradição dos povos que falam iorubá é o culto dos orixás que são presentes e referidos com frequência na cultura brasileira. Nos candomblé de origem bantu, por outro lado, não se preservaram os seus *inquices*²⁰ na terra brasileira menos o *Tempo* que é associado ao tempo e as suas propriedades.²¹

Os orixás não são apenas simples divindades. Podem ser considerados divindades polivalentes porque representam as forças naturais como vento, água, trovão,..., ao mesmo tempo são fenómenos culturais como guerra e justiça, podem ter características humanas como vaidade e finalmente representam as pessoas importantes do passado como os reis, rainhas ou guerreiros.

A maioria dos orixás cultivados no Brasil são de proveniência iorubá e também de proveniência daomena onde não se falava iorubá mas ewe foram venerados como *voduns*²² que adoptaram outros nomes em iorubá como por exemplo Oxumaré e Omolú. Deve-se mencionar também Oxóssi, que é um dos

¹⁸ CARNEIRO, Edison-Candomblés da Bahia, Editora Andes, Rio de Janeiro, 1954, p. 39

¹⁹ CARNEIRO, Edison-Candomblés da Bahia, Editora Andes, Rio de Janeiro, 1954, p. 40

²⁰ orixás nos candomblés de origem bantu

²¹ PRANDI, Reginaldo - Herdeiras do Axé, Editora Hucitec, São Paulo, 1996, p. 59

²² orixás nos candomblés jêje

orixás principais em candomblé no Brasil mas já é quase desconhecido em Nigéria onde tem a sua origem.²³

Assim, pode-se dizer que os africanos levaram para o Brasil as suas divindades que tinham que ser redefinidas, adaptadas e de certo modo unificadas por causa de mistura dos povos que vieram de vários cantos do golfo da Guiné e tinham que adoptar novas formas e em alguns casos nomes diferentes. O mesmo aconteceu com os povos africanos quais estruturas foram quebradas não só em termos de etnia ou idioma mas também em termos de hierarquia social. Os escravos poderiam ser tanto os membros de alguma família real de um tribo como pessoas que cometem um crime.

Segundo o candomblé cada pessoa pertence a um dos orixás e tem as propriedades dele ou dela.

No entanto, a «nação» angola de origem bantu aceitou o panteão dos orixás iorubás e cultos dos ameríndios com as suas divindades. O candomblé caboclo é uma modificação do candomblé angola interessado exclusivamente nos espíritos dos antepassados dos índios.²⁴ Estes candomblés com influência indígena deram origem mais tarde, no século XX a umbanda, que também adoptou ideias de espiritualismo.

²³ JOHNSON, Paul Christopher – *Secrets, Gossips, and Gods*, Oxford University Press, 2002, p. 66

²⁴ PRANDI, Reginaldo - *Herdeiras do Axé*, Editora Hucitec, São Paulo, 1996, p. 17

2. Desenvolvimento da comunidade afro-brasileira

Os escravos sentiam grande necessidade de recuperar seu espaço físico (o que não foi possível em grande escala) ou substituir este espaço físico por espaço espiritual logo depois de chegar ao Brasil, ou, mais precisamente, já nos navios negreiros porque já aqui surgiam laços fortes entre pessoas (malungos/malembos)²⁵. Podem se observar várias formas como foram estes espaços criados e recuperados e qual foi o seu papel na história do Brasil.

2.1. Espaços alternativos

O tráfico de escravos além de ser totalmente desumano na sua realização era também insensível em termos de romper as alianças familiares e sociais. As pessoas transportadas ao Brasil foram completamente separadas das suas famílias, seus vizinhos, membros do mesmo culto. (com exceções de povos iorubás que foram, segundo o Crowder, transportados em grupos²⁶)

Por isso, os africanos no Brasil tinham que reagir imediatamente e encontrar outro sentido de vida. Por esse motivo eram constantemente envolvidos no processo de criação dos espaços alternativos tentando recuperar, juntar e organizar o que foi dividido e também redefinir as suas identidades.²⁷ Para ser capaz de realizar tais mudanças tinham que reagir flexivelmente porém adotar outras tradições, incorporar novos símbolos, rituais e mitos nos seus padrões e também reformular as suas crenças por causa de mistura das

²⁵ HARDING, RACHEL E. – *A Refuge in Thunder*. Indiana University Press, 2003, p. 110

²⁶ JOHNSON, Paul Christopher – *Secrets, Gossips, and Gods*, Oxford University Press, 2002, p. 69

²⁷ HARDING, Rachel E. – *A Refuge in Thunder*. Indiana University Press, 2003, p. xvi

nações «que se misturavam ao mesmo tempo em que misturavam e permutavam lendas, rituais e divindades pelos diversos cantos do país,...»²⁸

Outra forma da recuperação de espaço físico realizou-se como fugas dos escravos (quilombos), compra da liberdade (libertos) e também a criação das sociedades segredas.

Os primeiros laços alternativos segundo a Harding se criaram já entre as pessoas transportadas no mesmo navio negreiro chamados *malungos* ou *malembo*s que compartilharam a situação terrível, conforme já foi mencionado no início deste capítulo. Os homens, mulheres e crianças mantinham relações fortes e ajudavam um ao outro quando as condições o permitiam. O facto de muitos malungos comprarem liberdades e serem padrinhos aos seus companheiros, mostra a força desta afinidade, desta consanguinidade recriada.²⁹ Aqui pode-se delinear a primeira intenção dos escravos estabelecer relações muitas vezes interétnicas que se formaram mais tarde em quilombos e no século XIX nos primeiros terreiros.

2.2. Sincretismo

Para os portugueses, que consideravam os ritos africanos pagãos, foi importante por motivos ideológicos que os escravos se tornassem católicos mais rápido possível então muitas vezes praticavam baptizado em multidões. Isto se praticava já na África, ou durante a viagem para o Novo Mundo onde poderem ser vendidos já como cristãos. Se o dono comprou escravos que não eram baptizados tinha que garantir fazê-lo dentro de um ano. A dominação dos escravos foi então praticada, além da força bruta, ideologicamente. Em

²⁸ Oliveira dos Santos, Nágli, Revista África e Africanidades - Ano I - n. 1 – Maio. 2008 - ISSN 1983-2354, <http://www.africaeaficanidades.com/edicao1.html>

²⁹ HARDING, Rachel E. – A Refuge in Thunder. Indiana University Press, 2003, p. 110

consequência, foi mais fácil para a igreja inventar uma justificação da escravidão e «salvar os negros do inferno.»

O fenómeno muito importante para os escravos manterem as suas crenças sem fugir dos seus senhores foi o sincretismo católico. Trata-se de uma dupla ligação religiosa aos santos católicos e os orixás ao mesmo tempo. Os senhores pensavam que os negros louvavam os santos católicos quando cantavam e tocavam porque não entenderam a linguagem dos escravos. Foi, uma forma de disfarçar as suas crenças bastante sofisticada. Na verdade, tratava-se mais de justaposição dos santos católicos e os orixás no mesmo templo. Assim os negros puderam manter as suas tradições e o espaço espiritual no cativeiro. No entanto, o laço duplo e a identificação dos orixás com os santos católicos foi, em muitos casos, bastante forte porque se manteve até hoje apesar de várias tentações de eliminar os santos católicos da religião afro-brasileira no processo da purificação de candomblé.³⁰

2.3. Quilombos

Muitos escravos não aceitaram a exploração nas plantações de açúcar e mais tarde plantações de algodão, tabaco e café ou nas minas de ouro. Muitos deles revoltaram e fugiram para a floresta tropical. Estas sociedades alternativas formaram-se em geral em pontos altos na mata e variavam em número dos seus habitantes. Poderiam ser por um lado apenas pequenos agrupamentos armados dos refugiados mas por outro lado havia algumas sociedades grandes criando cidades com a população enorme de 10 a 20 mil habitantes chamados quilombos. Deve-se apontar que os habitantes dos quilombos não eram só os escravos negros refugiados mas também os índios e os brancos pobres. Estas sociedades tinham estrutura fixa com uma base militar, núcleo habitacional e comercial. Eram sociedades supra-tribais e supra-étnicas que formaram unidades autónomas comuns naquela época em Angola. Aqui

³⁰ Veja capítulo 4.4.

desenvolveram agricultura, plantação de cana, milho, mandioca, feijão, batata e legumes, manufactura de objectos de uso diário como fabricação de artefactos de palha, manteiga, criação de galinhas e porcos.³¹

O quilombo mais conhecido foi Palmares situado na Serra da Barriga (hoje estado de Alagoas, na época uma capitania do estado de Pernambuco) que começou a estabelecer-se a partir do final do século XVI e sua existência perdurou mais de cem anos até a morte do seu líder mais famoso: o Zumbi, em 20 de Novembro 1696. Ele tornou-se um símbolo de resistência mais famoso para os negros e os seguidores dos cultos afro-brasileiros. A sua vasta população se estabeleceu principalmente graças às invasões dos holandeses que invadiram o litoral do nordeste ao longo do século XVII. Os portugueses estavam ocupados com a defesa o com fuga então os escravos poderiam escapar com mais facilidade e em grupos numerosos para as serras e consequentemente fundar as comunidades quilombas e cultivar a sua cultura e as suas crenças. No final do século XVII, quando terminou a ocupação dos holandeses, a perseguição dos negros refugiados foi renovada com mais intensidade pelos capitães-de-mato como se chamavam os responsáveis pela cativação dos negros.

A existência dos quilombos foi registada no território de todo o Brasil. Segundo a Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana: «a existência desses núcleos comprova-se na Amazónia, inclusive na ilha de Marajó; Mato Grosso, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul»³² Estas sociedades não eram uniformizadas contudo foram organizadas por sua especialização dependendo também da localidade onde se encontravam.

³¹ LOPES, Nei-Enciclopedia Brasileira da Diáspora Africana, Selo Negro, São Paulo, 2004, p. 510-511

³² LOPES, Nei-Enciclopedia Brasileira da Diáspora Africana, Selo Negro, São Paulo, 2004, p. 550

2.4. Calundu

Enquanto alguns escravos escolheram refugiado nos quilombos os que ficaram nas fazendas e nas senzalas. Segundo Silveira que pesquisou nos arquivos da Santa Inquisição o termo calundo designava as comunidades cujos adeptos se agrupavam nas casas das pessoas importantes da comunidade afro-brasileira. No entanto, deve-se emancipar que dentro destas comunidades além dos negros houve pardos³³ e brancos. Os sacerdotes eram denominados de calanduzeiros, curandeiros ou adivinhadeiros. Além da função religiosa, estes líderes de calundu sabiam curar vários tipos de doenças corriqueiras mas também eram capazes de curar males graves como tuberculose, a varíola e a lepra a partir de uso dos recursos da medicina tradicional.³⁴ Pode-se dizer, então, que os curandeiros tinham função importante na área da saúde pública. Os calundus se praticavam nas senzalas em contraste

³³ mulatos

³⁴ SILVEIRA. Renato da - Do Calundu ao Candomblé, Revista de História da Biblioteca Nacional.,No. 6. Dezembro de 2005, em versão electrónica:
<http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=846>

3. Século XVIII e XIX do campo à cidade

A sociedade brasileira no final do século XVIII com o povoamento das cidades mudou

3.1. De calundu a candomblé

No início do século XIX o termo calundu foi substituído por palavra candomblé que é de origem bantu e por primeira vez, segundo Harding, que estudou os documentos policiais.³⁵ No entanto, há poucas provas escritas dos cultos bantus na Bahia no século XIX.³⁶ Apesar da mudança da designação dos cultos afro-brasileiros, a própria religião começou a transformar-se com o crescimento da população urbana.

3.2. Situação na Bahia

No final do século XVIII com o surgimento de movimento abolicionista sob a influência do iluminismo europeu e americano, abolição da escravidão na Inglaterra em 1772 e também por parte graças a revolução haitiana começaram as primeiras tentativas de erradicar a escravidão no Brasil. O movimento separatista mais importante nesta época foi a Conjuração Baiana em 1798 que

³⁵ HARDING, Rachel E. – *A Refuge in Thunder*. Indiana University Press, 2003

³⁶ REIS, João José – Bahia de Todas as Áfricas, *Revista de História da Biblioteca Nacional*, No. 6. Dezembro de 2005, em versão electrónica:
<http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=847>

foi cruelmente punida mas assinalou uma nova época cujo final foi a promulgação da «Lei Áurea» e fim da escravidão no Brasil.

Durante as primeiras décadas do século XIX, vários levantamentos surgiram na Bahia contra a escravidão e catolização, iniciados em particular por escravos muçulmanos da origem sudanês que chegaram ao Brasil no final do século XVIII. A rebelião mais famosa e a última foi a Revolta dos Malês³⁷ em 1835. Em consequência a repressão policial tornou-se mais dura e mais exigente. Muitos negros foram deportados para África e muitos vieram do continente negro para o Brasil. Veger chama este processo, que originou no século XVII e culminou no século XIX, de fluxo e refluxo de intercâmbio. O impacto dos levantamentos foram duras repressões da polícia setoropolitana. Em consequência, muitos escravos fugiram ou foram deportados para África.

3.3. «Cantos» e primeiros terreiros em Salvador

Durante o século XIX grande parte dos escravos migraram para as cidades com os seus senhores e junto com os escravos libertos formaram a maioria da população urbana. Aqui trabalhavam, moravam, praticavam os seus cultos, repousavam e assim criaram a infra-estrutura da cidade. O trabalho assumiu formas diferentes. Os escravos poderiam tanto trabalhar em serviços domésticos como em serviços públicos como ganhadores³⁸. Poderiam ser tanto escravos de ganho³⁹ como escravos de aluguel⁴⁰. Os ganhadores organizavam-se nos cantos e agrupavam-se nos pontos principais da cidade. Trabalhavam

³⁷ termo designando os negros muçulmanos, que sabiam ler e escrever o árabe

³⁸ Escravos que realizavam trabalho pagado, entregando ao senhor uma parte do dinheiro recebido

³⁹ Escravos que entregavam a parte do dinheiro recebido aos seus senhores

⁴⁰ Escravos que os seus donos alugavam

sobretudo como carregadores e mulheres geralmente vendiam refeições, panos e vários tipos de bugigangas.

O sistema de ganho e os cantos formaram as instituições mais importantes na cidade porque os seus donos eram completamente dependentes dos seus serviços. Cantos eram grupos organizados dos ganghadores que se encontravam nos lugares públicos como largos, cantos das ruas, etc. Assim os escravos e libertos já não exclusivamente negros formaram hierarquias mais organizadas e mais autónomas. Estas tendências resultaram em formação dos primeiros terreiros. Este termo significa tanto o espaço físico de candomblé e também refere às comunidades dos membros de uma casa de candomblé. Aqui se reúnem os membros de candomblés praticam os seus rituais muitas vezes perturbados pelas invasões policiais. O terreiro mais famoso foi o Engenho Velho.

3.4. Abolicionismo

O movimento abolicionista no Brasil além do apoio dos ingleses tinha uma posição difícil porque a maioria da população colonialista foi dependente da mão-de-obra escrava. Em 1950 foi introduzida lei Eusébio de Queirós que proibiu o tráfico de escravos. Todavia, o tráfico continuou clandestinamente por algum tempo. Finalmente em 13 de Maio de 1888 a «Lei Áurea» foi promulgada pela princesa Isabel (filha do Pedro II) e a escravidão foi oficialmente proibida. No entanto, na vida dos escravos libertos não mudou basicamente nada. As condições socioeconómicas permaneceram

Na realidade, com a abolição no Brasil chegou ao fim também o tráfico de escravos. Isso significou, em prática, que os ex-donos dos escravos que antes ganhavam com o tráfico agora estavam longe de ser solidários. Em vez de pagar salários adequados, pagavam o mínimo ou nada. Compraram máquina para substituir a mão-de-obra. Os negros e a sua cultura continuam a ser

marginalizados na sociedade brasileira até as primeiras décadas do século XX através da negligência da sociedade e a imagem negativa criada pelos jornais.

4. Século XX

Durante a Primeira República continuaram as repressões e a situação dos ex-escravos continuou a ser mais que miserável. A maioria deles continuou a ser marginalizada e desempregada. A imagem do candomblé era constantemente manchada graças a jornais que divulgaram fotos dos rituais inclusive o sacrifício dos animais durante os rituais ou iniciantes do candomblé deitadas no chão. Isto mudou só com a Segunda República.

4.1. Década dos 1930

A política autoritária e populista do controverso presidente Vargas nos anos 1930 defendeu as tendências nacionalistas. Ele queria dar uma nova identidade ao Brasil favorecendo os intelectuais que se orientavam para a herança indígena e africana como herança brasileira natural.

A partir deste período a cultura afro-brasileira começou a ser parte oficial da cultura brasileira e os seus produtos como samba e capoeira tornaram-se produtos de exportação para o mundo inteiro e os símbolos da democracia racial brasileira aprovada por governo. Infelizmente, este conceito não funcionou tão bem em prática e a população brasileira ainda não era preparada para aceitar a religião afro-brasileira.

Na década dos 1930 também os estudiosos começaram mostrar interesse em grande escala graças às publicações dos textos dos pioneiros dos estudos afro-brasileiros como Nina Rodrigues, Manuel Querino e Edison Carneiro. Além disso surgiram primeiras organizações com candomblé como objecto de

estudo. Em 1934, 1º Congresso Afro-Brasileiro teve lugar no Recife e em 1937, 2º Congresso Afro-Brasileiro em Salvador.⁴¹

4.2. Década dos 1960

Na década dos anos 1960 muitas pessoas migraram do Nordeste para o Sudeste em busca do trabalho. Este facto favoreceu à revitalização das religiões embranquecidas como umbanda porque se misturaram com o candomblé tradicional baiano e assim paradoxalmente voltaram às raízes africanas. Ao mesmo tempo esta época favoreceu o florescimento do candomblé porque os membros dos movimentos da classe média como intelectuais, poetas, artistas e músicos viajaram para Nordeste às casas do candomblé na Bahia buscando as raízes originais da cultura brasileira.⁴² Em consequência, reflectiram, e assim ao mesmo tempo divulgaram nas suas obras a religião afro-brasileira para público mais amplo. Os símbolos são valorizados pela música, literatura e arte em geral.

Devido a esta divulgação, as novas condições de vida na sociedade brasileira fazem mudar radicalmente o sentido sociológico. O candomblé, além das sociedades negras tradicionalmente isoladas já não é mais um sistema fechado mas torna-se uma religião aberta a todos com sentido de escolha pessoal.⁴³ Por esta razão, a influência da religião na sociedade aumentou a sua importância.

⁴¹ JOHNSON, Paul Christopher – *Secrets, Gossips, and Gods*, Oxford University Press, 2002, p. 97

⁴² PRANDI, Reginaldo - *Herdeiras do Axé*, Editora Hucitec, São Paulo, 1996, p. 15

⁴³ PRANDI, Reginaldo - *Herdeiras do Axé*, Editora Hucitec, São Paulo, 1996, p. 39-40

4.3. Antisincetismo e oficialização do candomblé

Nas casas tradicionais ocorreram tentativas de rejeitar o sincretismo católico e purificar o candomblé. Esta ideia veio da mãe Stella de Oxóssi do Ilê Axé de Opô Afonjá⁴⁴, uma das pessoas mais influentes do candomblé na Bahia, que publicou um artigo sobre este assunto no Jornal da Bahia em 1983.⁴⁵ Não se tratava de uma oposição ao catolicismo mas de uma forma de redefinição das crenças. Os representantes queriam implicar que os santos católicos não são equivalentes aos orixás. Alguns autores como Prandi criticam este desligamento do catolicismo que desempenhou papel ético no candomblé por causa de esvaziamento ético.⁴⁶ Os principais representantes do candomblé não queriam romper a ligação com a igreja católica contudo o objectivo mais importante foi afirmar a religião afro-brasileira como uma religião oficial e livrar-se de denominação de seita.⁴⁷ Cabe também salientar que a ligação com a igreja católica é profundamente enraizada em muitos terreiros de candomblé em termos de rituais que são, em alguns casos, praticados junto. Um exemplo ilustre é a Lavagem da Igreja do Bomfim em Salvador, na segunda quinta-feira depois do Dia de Reis⁴⁸, quando se reúnem os adeptos do candomblé junto com os católicos e compartilham este ritual religioso. Portanto as tentativas do antisincetismo não sucederam neste sentido em geral. A consequência mais importante seguiu mais tarde.

⁴⁴ Um dos terreiros mais antigos em Salvador, Bahia

⁴⁵ CAROSO, Carlos e BACELAR, Jefferson - Faces da tradição Afro-Brasileira, Pallas editora e Distributora Ltda., Salvador, BA, 1999, p. 72

⁴⁶ PRANDI, Reginaldo - Herdeiras do Axé, Editora Hucitec, São Paulo, 1996, p. 31

⁴⁷ CAROSO, Carlos e BACELAR, Jefferson - Faces da tradição Afro-Brasileira, Pallas editora e Distributora Ltda., Salvador, BA, 1999, p. 72

⁴⁸ 6 de Fevereiro

Dia 5 de Outubro 1989 tornou-se um marco na história da cultura afro-brasileira com a promulgação da constituição do estado da Bahia onde se diz no artigo 275: «É dever do Estado preservar e garantir a integridade, a respeitabilidade e a permanência dos valores da religião afro-brasileira⁴⁹» Neste momento, depois de muitos anos de opressão e luta pela aprovação candomblé finalmente ganhou estatuto oficial.

Conclusão

⁴⁹ Constituição do Estado da Bahia, Promulgada em 5 de Outubro de 1989, em versão electrónica: http://www.mp.ba.gov.br/institucional/legislacao/constituicao_bahia.pdf

Do modo geral, candomblé é um mosaico complexo que durante séculos adoptou várias formas de expressão e cultivação mas que continua manter o culto de orixás. De maneira particular, por outro lado, não existe um só candomblé. Durante o tempo deixou de ser um culto secreto dos negros e hoje em dia é uma religião aberta a todos que expandiu para todo o Brasil e também para outros países e por essa razão pessoas de várias classes da sociedade entram nela.

Graças as várias ondas de migração da África, graças as diferentes origens étnicas dos escravos e graças a vários outros factores históricos, candomblé transformou-se e permutou durante os séculos.

No princípio, a religião afro-brasileira jogou papel decisivo na formação dos espaços alternativos na vida dos escravos, tinha papel substitucional em termos de família e os laços perdidos na diáspora e renovando os dentro do culto e nas famílias de candomblé. Ajudou muitos negros sobreviver, adaptar-se e resistir a opressão dos seus donos. Além disso, cumpriu função religiosa e foi uma forma de manutenção da herança dos ancestrais este facto é actual até hoje.

Mais tarde, com a transição para meio urbano, os escravos começaram organizar-se e formaram hierarquias nas cidades. Assim foram fundados os primeiros terreiros em Salvador. Durante século XIX tinham que enfrentar repressões policíacas graças às várias rebeliões nas primeiras décadas do século XIX. Candomblé permaneceu na oposição clandestina até as primeiras décadas do século XX. quando o seu estatuto mudou por parte graças a ideologia do presidente Vargas e graças ao interesse dos estudiosos. Isto foi o impulso que iniciou a nova época na historia do candomblé que pouco a pouco tornou-se religião aberta e atractiva ao público geral.

RESUMÉ

Tématem této práce je afro-brazilské náboženství Candomblé. Ve své práci se snažím podat souhrnný obraz tohoto spirituálního hnutí na pozadí historicko-spoločenského vývoje v Brazílii až po současnost zejména pak na pozadí historie brazilských otroků a později jeho stoupců z řad již svobodných občanů. Soustředím se zejména na oblast státu Bahía e její metropole Salvadoru.

Nejdříve pojednávám o charakteristice a původu Candomblé. Kořeny tohoto náboženství nacházíme v západní Africe. Odtud byli z různých částí v několika vlnách přiváženi původní obyvatelé do největší portugalské kolonie – současné Brazílie. Obrovská rozloha této kolonie vyžadovala velké množství otrocké pracovní síly pro zemědělské účely, tudíž byli přiváženi lidé z různých kmenových oblastí lišících se jazykově i kulturně. Odtud také pramení variabilita v rámci Candomblé. Nejedná se o jediné náboženství, je to spíše konglomerát rozmanitých projevů duchovního chápání světa jednotlivých skupin západoafrické oblasti. Jednotlivé kmeny si svou spiritualitu a její projevy nesly s sebou do Nového světa, kde se dál specifickým způsobem vyvíjela.

Během svého vývoje museli stoupcí tohoto afrobrazilského kultu čelit útisku kolonialistů a tvrdě bojovat za svoji nezávislost. Mapuji zde vývoj od dob koloniální Brazílie až po současnost. Snažím se zachytit změny jeho vnímání většinovou společností, jeho význam pro otroky a později i pro brazilskou společnost.

Bibliografia:

BASTIDE, ROGER – O Candomblé da Bahia, Editora Schwarz Ltda., São Paulo, 2005

BRAGA, Júlio Santana– Fuxico de Candomblé, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, BA, 1988

CARNEIRO, Edison-Candomblés da Bahia, Editora Andes, Rio de Janeiro, 1954

CAROSO, Carlos e BACELAR, Jefferson - Faces da tradição Afro-Brasileira, Pallas editora e Distributora Ltda., Salvador, BA, 1999

CARYBÉ - Os Deuses Africanos no Candomblé da Bahia, Carybé, Salvador-BA, 1993

COSTA, Ana de Lourdes Ribeiro da - Espaços negros, cantos e lojas em Salvador noséculo XIX. In: Cadernos do CRH (Cantos e toques; etnografias do espaço negro na Bahia). 1991

JOHNSON, Paul Christopher – Secrets, Gossips, and Gods, Oxford University Press, 2002

HARDING, Rachel E. – A Refuge in Thunder. Indiana University Press, 2003

KLÍMA, Jan – Dějiny Brazílie, Lidové Noviny, Praha , 1996

KONADU, Kwasi e SILVA, Paula de Almeida, «Brazil: Afro-Brazilians», Encyclopedia of the African Diaspora: Origins, Experiences, and Culture; ABC-Clio, 2008, p. 225-229

LOCKARD, Craig. A, Societies, Networks, and Transitions: A Global History,

Volume I *To 1500*, Houghton Mifflin Company, 2007

LOPES, Nei, Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana, Selo Negro, São Paulo, 2004

PRANDI, Reginaldo - Herdeiras do Axé, Editora Hucitec, São Paulo, 1996

REIS, João José – Bahia de Todas as Áfricas, Revista de História da Biblioteca Nacional., No. 6. Dezembro de 2005, em versão electrónica:

<http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=847>

SILVEIRA. Renato da. Do Calundu ao Candomblé, Dossie África Reinventada. Revista de História da Biblioteca Nacional. Ano 1. N.º. 6. Dezembro de 2005, em versão electrónica:

<http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=846>

VERGER, Pierre Fatumbi - Orixás: Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo, Corrupio, São Paulo, 1993.

<www.wikipedia.org>

<www.historiabrasileira.com>

<http://www.africaeafricanidades.com/edicao1.html>

